

A fotografia, em cada instante, torna-se ausência

Pode o que fotografamos ser visto como a realidade de um lugar, numa determinada época, sem perder o seu carácter a-histórico? Não suspenderá a fotografia o tempo e, com ele, a própria história, tornando-se numa possibilidade que se abre em cada um de nós? É este permanente questionamento que se coloca ao contemplador, ele próprio fotógrafo, gerador de múltiplas partilhas e renovados interesses. Se o que se apresenta perante nós é a suspensão do tempo, parece paradoxal que este se renove a cada instante. A imagem transporta a novidade. É um momento presente que transporta passado, mas que se abre ao artístico cada vez sempre mais subjetivo.

A partir do olhar de cada artista-fotógrafo, não se obtém apenas uma cidade, mas várias dimensões desta, tantas quantas as visões que se cristalizam no silício (i)material. Hoje, nas imagens guardadas, guardam-se olhares. Hoje, no momento guardado, há um vaguear temporal que é dado como possibilidade.

Substituímos a memória por imagens. Mas um pouco como a primeira, que se desgasta a cada momento, também a fotografia nos permite o necessário afastamento para, em cada instante, se tornar ausência.

Paulo Pinto